

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

LIDIANE SCARPARI FERNANDES

**AS POTENCIALIDADES DO ENSINO DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO DO
SER SENSÍVEL, CRÍTICO E REFLEXIVO.**

CRICIÚMA

2015

LIDIANE SCARPARI FERNANDES

**AS POTENCIALIDADES DO ENSINO DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO DO
SER SENSÍVEL, CRÍTICO E REFLEXIVO.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Dra. Aurélio Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA

2015

LIDIANE SCARPARI FERNANDES

**AS POTENCIALIDADES DO ENSINO DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO DO
SER SENSÍVEL, CRÍTICO E REFLEXIVO.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 25 de novembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof. Viviane Kraieski Assunção - Doutora - (UNESC)

Prof. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestre - (UNESC)

**Dedico esta pesquisa a todos que
contribuíram em minha caminhada, em
especial a minha família base de tudo.**

AGRADECIMENTOS

“Nas nossas vidas diárias, devemos ver que não é a felicidade que nos faz agradecidos, mas a gratidão é que nos faz felizes”. Albert Clarke

Com certeza há muito a agradecer...

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, que me concedeu a vida e, permitiu que chegasse até aqui, independente das minhas fraquezas.

Quero agradecer meus pais Santos e Ivonir, agricultores humildes, mas honestos que me guiaram no caminho correto, instruindo-me na educação.

À minha família como um todo e, minhas queridas irmãs, Adriana, Elisândra e Cristiane que sempre me deram força e positividade.

Ao meu marido querido Luan, que soube entender toda a minha ausência, sem nunca deixar de me incentivar e me ajudar. Você foi muito importante nessa caminhada.

À toda a minha turma de Artes Visuais, colegas maravilhosos...

Às minhas amigas especiais do curso, Clarice, Debora, Mariane e Tamiris, sempre prestativas, auxiliando uma as outras, sabendo ouvir até nos momentos mais difíceis.

A todos os meus colegas de trabalho, pela convivência amigável no período integral que passo com vocês.

A todos os meus professores, desde o Pré-Escolar até a Universidade, cada um com um modo diferente soube me cultivar e despertar o interesse em mim de buscar cada vez mais e mais conhecimento.

À minha orientadora querida Aurélia, que me instruiu sempre que necessário e, que muito tranquilamente, me guiou com toda a sua experiência.

A todos vocês, muito obrigada!!!

**“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção”.**

Paulo Freire

RESUMO

A pesquisa a seguir partiu de uma inquietação a respeito das potencialidades do ensino da arte e foi desenvolvida a partir de minha experiência como aluna da rede básica de ensino e também da universidade. Trago como problema de pesquisa a seguinte questão: Como as potencialidades do ensino da arte agem na formação do sujeito sensível, crítico e reflexivo? A partir dela busco ideias de pesquisadores e teóricos a respeito do assunto, o que caracteriza a pesquisa como de caráter bibliográfico. No percurso da pesquisa relaciono minhas ideias, experiências e reflexões seguindo o método da pesquisa cartográfica, objetivando não tornar a escrita engessada, mas sim rizomática, na qual relaciono a fundamentação teórica com o meio comum da educação e meus pensamentos. Faço um breve retrospecto do percurso do ensino da arte no cenário brasileiro, situando a disciplina no tempo, relacionando com as tendências pedagógicas e o espaço da disciplina na contemporaneidade. Abordo também o pensamento reflexivo e o desenvolvimento do sujeito crítico. O desenvolvimento do olhar sensível e sua relação com o Eu-artístico, trazendo também uma experiência estética a partir da apreciação do filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain*. Por fim apresento uma proposta de curso para pais e professores em diálogo com o segmento da pesquisa, buscando contribuir com o processo educativo pedagógico através das potencialidades do ensino da arte.

Palavras-chave: Ensino de arte. Pensamento Reflexivo. Sujeito crítico. Olhar sensível.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EAD	Escola de Arte Dramática
FAEB	Federação das Associações de Arte-Educadores do Brasil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 ESTRUTURA METODOLÓGICA	11
2 PERCURSO DA DISCIPLINA DE ARTES NO CENÁRIO BRASILEIRO	13
2.1 ESPAÇO DA DISCIPLINA DE ARTES NA CONTEMPORANEIDADE	15
2.2 AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E AS AULAS DE ARTES	17
3 PENSAMENTO REFLEXIVO	20
3.1 O PENSAMENTO REFLEXIVO E O SUJEITO CRÍTICO.....	23
4 O SER SENSÍVEL	26
4.1 O OLHAR SENSÍVEL E O EU-ARTÍSTICO	28
4.2 UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA A PARTIR DA APRECIÇÃO DO FILME: O <i>FABULOSO DESTINO DE AMÉLIE POULAIN</i>	29
5 REFLEXÕES SOBRE AS POTENCIALIDADES DO ENSINO DA ARTE – UM PROJETO DE CURSO	32
6 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A disciplina de Artes está na matriz curricular das escolas de Educação Básica assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) desde 1996. Ela aparece nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II e também nas OCEMs (Orientações Curriculares para o Ensino Médio) onde se enquadra no módulo intitulado Linguagens Códigos e suas Tecnologias. Os professores de Artes em formação e os professores de Artes atuantes sabem da grande potência que é o ensino da arte e do seu consequente poder de transformação do sujeito enquanto ser crítico sensível e reflexivo, mas algo que muito me incomodou e ainda incomoda ao longo de meus quatro anos de estudo na universidade é pensar: será que as pessoas (sociedade em geral) conhecem a potência do ensino da arte? Ou será que a entendem como disciplina responsável pela decoração de escolas e murais? Ou como conteúdo único e exclusivo do desenho e da pintura?

Sentindo-me incomodada com estes questionamentos é que busquei trazer para esta pesquisa o estudo da potência da arte a partir de pensadores e estudiosos que veem a arte como algo que nos faz avistar-nos como sujeitos ativos dentro de uma sociedade, fazendo-nos refletir a respeito desta posição, abrindo-nos a mente e a visão para o mundo, fazendo-nos abandonar a posição de um sujeito passivo à deriva de uma sociedade neutra e manipulável.

Minha experiência na graduação em Artes Visuais promoveu mudanças no meu modo de pensar a arte e isso, a meu ver, me fez mais consciente do quão o ensino da arte é importante dentro do meio social e da potência que ela exerce na construção de sujeitos críticos. Outro ponto que contribuiu na reflexão dessa pesquisa foi o questionamento de pessoas acerca da minha escolha de graduação, como se os conteúdos do campo da arte fossem algo extremamente fácil e que compreendem apenas o ato de desenhar e pintar. No meio de tantas indagações, me peguei a pensar, o que nos leva a escolher artes visuais? O que leva alguém a escolher a área das artes visuais para sua profissão?

Imagino que essa seja uma pergunta que deve fazer parte dos conflitos mentais de muitos acadêmicos, devido a cobrança ou opinião familiar, social e trabalhista. Pensando deste modo e recebendo as críticas é que trago para esta pesquisa o seguinte problema: Como as potencialidades do ensino da arte agem na

formação de um sujeito sensível, crítico e reflexivo? Pensar esta questão me move a perceber que, em muitos casos, o potencial de transformação que a arte tem não é compreendido pela sociedade, que vê o campo como o espaço da linguagem visual apenas, sem reconhecer as demais linguagens, seus contextos, suas histórias. Assim, busco nesta pesquisa, por meio de levantamento bibliográfico, coletar dados sobre a constituição da lei que diz respeito à disciplina de Artes, buscando também em autores entender o processo de desenvolvimento do sujeito sensível, crítico e reflexivo. Falo do sujeito sensível, aquele com olhar diferenciado para as situações e coisas do meio comum, da crítica como espaço de criação e do pensamento reflexivo como o resultado provocado por uma experiência significativa.

1.1 ESTRUTURA METODOLÓGICA

Esta pesquisa se insere na linha Educação e Arte, do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, com abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos técnicos é uma pesquisa bibliográfica, pois foi desenvolvida com base em material já elaborado.

Do ponto de vista da natureza é uma pesquisa básica, que de acordo com Pinheiro (2010, p. 19) “tem como objetivo gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista”. O objetivo principal desta pesquisa se configura em investigar como as potencialidades do ensino da arte agem na formação do sujeito sensível, crítico e reflexivo.

Minha escrita se estabelece como um caminho cartográfico, onde, por meio do sensível posso convidar o leitor aos meus devaneios poéticos ligados ao assunto abordado em cada capítulo. O método cartográfico me permite discorrer sobre a pesquisa e sobre meus devires e experiências o que, de acordo com a proposta que trago, seria contraditório escrevê-la de forma engessada, já que se trata de uma caminhada subjetiva. Giovanella (2008, p.87) nos diz a respeito que;

O princípio metodológico da cartografia trata o pensamento sobre rizoma como inventivo e não representacional. Assim a cartografia acompanha essa multiplicidade de devires incontrolável, esses movimentos invisíveis, que se mostram imperceptivelmente como movimentos do desejo.

Assim, minha pesquisa segue vertentes já estabelecidas por autores, porém de modo rizomático buscando relações entre as teorias e meus pensamentos, que se cruzam e se entrelaçam, discutindo novas possibilidades para o ensino e para a arte. Segundo HONORATO (2015, p. 108):

Ao que parece é primeiro em microuniversos culturais e artísticos que relações de força inéditas ganham corpo e, junto com um corpo, sentido e valor. Estes microuniversos constituem cartografias - musicais, visuais, cinematográficas, teatrais, arquitetônicas, literárias, filosóficas – do ambiente sensível instaurado pelo novo diagrama. Tais cartografias ficam à disposição do coletivo afetado por esse ambiente, como guias que ajudam a circular por suas desconhecidas paisagens.

Convido assim os leitores a caminharem por entre as diferentes paisagens que se configuram em minha pesquisa, guias que circulam e atravessam minhas memórias que são responsáveis pelo meu conjunto de experiências.

2 PERCURSO DA DISCIPLINA DE ARTES NO CENÁRIO BRASILEIRO

Com o intuito de percorrer um caminho que apresente o ensino da arte no Brasil busquei em diferentes referências e também na minha trajetória como estudante na escola básica e na universidade, encontros e desencontros que me desafiam a pensar os sujeitos e sua formação.

Um dos documentos que investiguei foi a Proposta Curricular de Santa Catarina – PCSC (2005) que aponta a arte como uma das linguagens mais antigas e que acompanha a humanidade desde os primórdios por meio de desenhos nas paredes das cavernas e esculturas das mais variadas formas, assim como das danças de rituais. A arte como espaço e lugar de conhecimento e culturas tem sua história marcada por lutas e conquistas. No Brasil o ensino de arte se deu a partir da colonização portuguesa. Segundo a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, neste período, a arte era utilizada no contexto das práticas de catequese jesuítica, realizando montagens teatrais, apropriando-se também da música que era utilizada como instrumento no processo de catequização a partir do canto gregoriano, tudo isso contemplando o período Barroco (SANTA CATARINA, 2005). Nesse período não existiam ainda escolas de arte. Com a vinda da família real por volta de 1808, essas práticas foram revistas. A arte brasileira sofreu influência do neoclassicismo que foi instaurado, o que conseqüentemente acabou distanciando a arte do povo e aproximando-a da elite. Dentre as artes neoclássicas a música era muito apreciada pela família real, o que acabou resultando na criação do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, deste modo oficializou-se o ensino da música no Brasil. Diante de todas essas transformações, mais tarde, surgiu a discussão sobre a necessidade do ensino teatral, proposto pelo ator João Caetano. Com toda essa maré transformadora e com o desenvolvimento econômico oriundo da Revolução Industrial e a abolição da escravidão, o ensino da arte passou a ser visto como possibilidade de preparação para o trabalho, focado nas práticas manuais (SANTA CATARINA, 2005).

Com a Semana de Arte Moderna de 1922, desencadeia-se um novo período para o ensino da arte no Brasil. O contato com os movimentos visionários da arte moderna, como o expressionismo, fauvismo, dadaísmo, entre outros, influenciou a arte e os artistas locais. Segundo, a PCSC (2005, p.192) “A década de 30 viveu o ideário da Escola Nova, [...] A inclusão da arte na escola primária foi discutida de

forma acirrada, não como disciplina a ser ensinada, mas apenas como forma de expressão”. Aqui já podemos avistar o anseio pelo ensino de arte em busca de uma construção artística e desenvolvimento cultural. Também neste período surge a inicialização do ensino da música na escola regular, diretamente ligada ao canto orfeônico, que posteriormente foi substituída por um método de improviso, experimentação e criação de sons intitulado Educação Musical.

Na década de 50 foi criada a Escola de Arte Dramática (EAD), o que marca a formação sistemática do ator, que até então acontecia de modo informal. Os anos 60 foram marcados pela liberdade de criação, que seguido por essa influência em 1971, onde o ensino da arte ainda não era obrigatório no currículo escolar, posto como atividade extracurricular, complementar e até mesmo inexistente dentro do sistema escolar. O mesmo passou por diversas transformações, até ser implementado pela Lei 5692/71, como atividade educativa e não como disciplina, onde o professor de Educação Artística deveria trabalhar as diversas linguagens, como: artes visuais, música e teatro, promovendo um ensino polivalente preocupado com o ato de ensinar o conteúdo mais vinculado ao conceito de ferramenta do que de experiência e expressão.

Embora a lei estimulasse o desenvolvimento expressivo e criativo do aluno, nem sempre isso acontecia, acabando muitas vezes em praticar o uso da técnica pela técnica. Em consequência desse período, entre a escola nova e a tecnicista, no final dos anos 70 surgia um novo movimento da educação brasileira, descontente com o cenário atual e, buscando repensar as potencialidades da arte na escola e na formação humana, os professores reúnem-se com o objetivo de novas ações, aí surgia uma consciência mais reflexiva sobre o encaminhamento filosófico/metodológico para o ensino da arte (SANTA CATARINA, 2005).

A década de 80 é marcada por uma importante ação das associações dos professores de Artes, que juntos criaram a Federação das Associações de Arte-Educadores do Brasil – FAEB. E foi a partir deste movimento que muito se discutiu sobre qualidade e ensino de arte.

No início dos anos 90, iniciaram as transições da LDB, as quais geraram discussões novamente acerca da disciplina de Artes, segundo Zagonel (2008, p. 54) o resultado dessas discussões por parte dos arte-educadores das diversas expressões artísticas repercutiu da seguinte forma:

[...] as diferentes linguagens artísticas se fortaleceram e marcaram seu lugar como área do saber reconhecido. As pesquisas acadêmicas aumentaram e, conseqüentemente as publicações de periódicos, de revistas acadêmicas e de livros também. Foram criados cursos de mestrado em Artes, Música, Teatro, Artes Visuais, Dança e mais recentemente, surgiram os doutorados.

Após discussões e argumentos elaborados pelos professores de Artes do país sobre o campo de conhecimento específico da arte, conquistou-se finalmente a inclusão assegurada por lei da obrigatoriedade do ensino da arte em todos os níveis da Educação Básica. A Lei 9394/96 que diz em seu Art.26, §2º “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”

Foi uma conquista que segundo os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000, p.47) “[...] Em grupo, lutou-se para que a arte se tornasse presente nos currículos das escolas de Educação Básica no Brasil e fizesse parte da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996”. Deste modo, é evidente o quão importante foi essa conquista para a educação nacional, tratando-se de uma disciplina que deixa de ser uma atividade complementar dentro da escola e passa a assumir seu papel educador por meio das linguagens artísticas e expressões culturais.

2.1 ESPAÇO DA DISCIPLINA DE ARTES NA CONTEMPORANEIDADE

Fazendo relação com o meu percurso de estudante no ensino básico regular, lembro que só passei a ter professora de Artes (com formação) na antiga sétima série, hoje oitavo ano, sendo que até então, nas aulas de Artes o que mais se fazia era colorir desenhos prontos. Pouco desenhávamos, e quando o fazíamos era sob influência de critérios pré-estabelecidos. Não podíamos ousar, e recordo muito bem que quando alguém fugia da cor visualmente real, a cobrança vinha por parte da professora, como por exemplo lembro-me de um colega meu ter pintado uma árvore de azul certa vez, e a professora perguntava em alto e bom som, se alguém já havia visto uma árvore azul em sua vida. Trabalhávamos muito sobre a perspectiva de datas comemorativas, e nada muito além desse (des)contexto. Tivemos poucas experiências com dança, recordo que quando o tínhamos, era com algum objetivo final, como de ensaiar para festa junina, ou algum evento

comemorativo natalino, e outros. Música e teatro também pouco eram explorados e, quando tínhamos contato, era mais com o objetivo de utilizar como ferramenta pedagógica. Até a sétima série, praticamente, não tive contato com artistas relacionados com as aulas de Artes, e só passei a ter uma interação maior com os mesmos e com as demais linguagens do campo da arte, a partir da sétima série, quando passei a ter uma professora de Artes na escola. Foi a partir daí que comecei a me identificar com a área, mas nunca pensei que viesse a me aprofundar um dia.

Recordando o meu passado e levando em consideração as vivências e experiências junto a carga teórica que adquirimos ao longo dos quatro anos de estudo na universidade, penso que hoje as aulas de Artes passam a assumir o seu papel, não só no âmbito escolar, mas com reflexos em toda a sociedade. As aulas de Artes abandonaram o caráter decorativo, precursor de técnicas artísticas com o intuito de almejar uma produção final, para então abordar as suas diversas linguagens como um todo, promovendo assim conhecimento, experimentações, vivências e experiências estéticas, buscando acima de tudo desenvolver isso em consonância com um processo que gera conhecimento significativo no aluno. Busca-se também defender a ideia de trabalhar com a união das linguagens, de modo que não haja fragmentação, mas que haja ligação com o contexto artístico, educacional e cultural.

Embora tenhamos todo esse progresso histórico de conquistas da arte enquanto disciplina, reconhecemos que ainda há muitos espaços que necessitam ser conquistados, já que é evidente a preocupação e valorização do aprendizado cognitivo como imprescindível ou até mesmo superior comparando com o desenvolvimento expressivo e sensível do aluno.

Tratando da minha experiência enquanto aluna e, fazendo ligação com o percurso da disciplina de Artes no Brasil, considero importante esclarecer, que embora o país tenha vivido em cada período forte influência consequente de uma tendência pedagógica, as quais estão diretamente ligadas as política públicas para educação, de forma histórica e cronológica, isso não assegura, que a partir do momento em que uma nova tendência surge a outra extingue-se. (HONORATO, 2015). E, de fato presenciei essas transições na escola, pois muitas vezes me encontro lendo documentos a respeito de proposições pedagógicas incentivadas nos anos 80 e 90, as quais vivenciei em meu percurso escolar já nos anos 2000.

2.2 AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E AS AULAS DE ARTES

A seguir, farei uma breve apresentação das tendências pedagógicas e suas características, para que fique mais claro o percurso da disciplina de Artes no cenário nacional.

O ensino de Artes no Brasil já passou por uma série de mudanças oriundas das políticas governamentais. Nestas políticas diferentes formas de pensar a educação guiaram, e ainda guiam, o sistema de ensino brasileiro. Estas formas de pensar são chamadas Tendências Pedagógicas. A história mostra que o ensino de arte no Brasil se dá a partir da colonização portuguesa, onde os ensinamentos eram voltados para a catequização e a partir daí passou a ser instaurada a tendência pedagógica tradicional. Na escola tradicional, tinha-se o papel de preparar o intelectual do aluno, por meio de atividades de memorização e repetição. A figura do professor era considerada incontestável, superior e absoluta, como único detentor do saber, ao mesmo os alunos deviam disciplina, respeito e consentimento. Os alunos eram vistos como indivíduos ignorantes e passivos suscetíveis de recebimento e armazenamento de informações. As aulas de Artes neste período, tinham caráter decorativo e objetivavam o visualmente “bonito”, onde segundo Honorato (2015, p. 25) nessa idealização de educação:

[...] o mais importante, o mais valorizado é o resultado dos trabalhos em detrimento do processo de desenvolvimento dos alunos em arte. Essa posição era percebida (e ainda é) na atenção dispensada nas exposições dos trabalhos escolares nos pátios das escolas, na organização do caderno ou da pasta de desenhos enviada aos pais no final de cada bimestre letivo, assim como nas apresentações de música, dança e teatro especialmente preparados com essa finalidade.

Deste modo podemos perceber as principais características desta tendência, as quais, algumas ainda permanecem ou influenciam outras tendências pedagógicas.

A escola Tradicional é sucedida pela escola Nova, ou Escolanovismo, que chega ao Brasil por volta de 1930 e segundo pressupostos difunde-se por volta dos anos 40 a 60. Essa tendência é marcada por um período de crescimento nos estudos e pesquisas nas áreas da psicanálise e psicologia cognitiva. Os professores passam a se orientar observando as particularidades dos seus alunos e, desenvolvendo ações didáticas que envolvem o coletivo. Percebe-se que o foco não

é mais centralizado absolutamente no “saber”, mas passa-se também a levar em consideração o aluno, como um ser único e criativo, que sendo estimulado pode se expressar artisticamente. É uma perspectiva que defende o processo educativo, o considerando essencial, onde o produto final já não é o foco principal. Nos anos 60 e 70 o país avança na produção industrial e isso influencia diretamente a escola.

Nesse contexto surge a Pedagogia Tecnícista que vem para ampliar a eficácia da escola objetivando a preparação de pessoas capazes, produtivas e competentes. Pessoas essas que serão a mão de obra desse mercado que valoriza a industrialização e o desenvolvimento econômico do país. (HONORATO 2015, p. 26).

Nesse momento, o professor encontra a necessidade de acrescentar em suas propostas pedagógicas a técnica, de modo que o aluno se familiarize com as práticas do desenho geométrico buscando desenvolver habilidades próprias para a necessidade de trabalho do mercado, através de treino, repetição e aplicação de técnicas educativas. Com esse anseio social, muitos professores sentiram-se despreparados para tamanha ação, buscando auxílio em livros didáticos que lhes eram disponibilizados, material esse que segundo Honorato (2015, p. 27) continham “[...] pouca base teórica para fundamentar as ações e com muito exemplos de atividades descoladas do contexto da escola, do professor e do aluno”. A partir deste momento, surgia paralelamente às outras tendências, a Realista Progressista, que busca uma junção da educação, agrupando o ensino, a pesquisa e, o meio social do educando como pressupostos essenciais para um progresso educacional, porém ainda predomina a preferência pela assimilação de conteúdos cognitivos.

Como última tendência pedagógica, trago a Pedagogia Libertadora, onde a relação professor aluno é ressignificada, pensando que a educação não deixa de ser um ato político, construtivo de conhecimento e de criação de uma nova sociedade, mais reflexiva, e ambos podem aprender juntos, a mesma é proposta pelo educador Paulo Freire. Esta tendência tem como princípio que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2002, p. 12). Ou seja, busca-se não apenas educar politicamente, mas contribuir na constituição do sujeito enquanto ser sensível. Assim, é possível perceber, como ainda existem elementos transitórios dentro da educação e que divergem-se nas tendências pedagógicas aqui elencadas.

Nos seguintes capítulos, busco relacionar a potência do ensino da arte

para a formação do aluno enquanto sujeito, reflexivo, crítico e sensível, dialogando com autores, como Larrosa, Honorato, Deleuze, Barbosa, entre outros...

3 PENSAMENTO REFLEXIVO

Nesse capítulo abordo as características e contribuições do pensamento reflexivo em conjunto com o campo da arte, sendo importante ressaltar que segundo pressupostos, o primeiro emprego da expressão “pensamento reflexivo” foi utilizada por John Dewey, pedagogo, filósofo e psicólogo norte-americano, por volta de 1910, quando o mesmo relacionava esse modo de pensar com o processo educativo. A melhor maneira de pensar, segundo Dewey (*apud* RODRIGUES, 2010, p. 2) é “a espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva”. Assim podemos entender que para o autor o pensamento reflexivo difere-se do pensamento de rotina, como ele mesmo aborda em seus escritos.

O ensino de Artes tem sua relevância no desenvolvimento cognitivo, sensível e cultural de cada sujeito, assim como na construção de uma sociedade cada vez mais ativa e pensante. Segundo Barbosa (2003, p.19):

Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, [...] desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Assim podemos procurar entender os objetivos da disciplina de Artes para os alunos, e a grande responsabilidade que se tem em desenvolvê-la no âmbito escolar. Esta visão mostra que as aulas de Artes não se tratam apenas de uma prática manual ou mesmo de uma aula responsável pela decoração de murais e embelezamento dos eventos da escola, como algumas vezes são julgadas pelo senso comum. Seus conteúdos compreendem toda uma contextualização a respeito do mundo da arte, suas imagens, obras, movimentos em todas as suas linguagens.

As aulas de Artes na contemporaneidade vêm com a proposição de despertar o educando para a vida social por meio da apreciação estética, de vivências e experiências para o seu desenvolvimento sensível e expressivo. Também para fomentar o pensamento reflexivo. O pensamento reflexivo é um estado de consciência do ser, que deixa de ser apenas um receptor passivo da informação e passa a refletir sobre sua ação e possibilidades, adquirindo vez e voz na vida em sociedade. A partir destes pressupostos, busco neste capítulo entender

como as potencialidades da arte e seu ensino podem estimular o percurso do desenvolvimento do ser reflexivo.

Segundo Deleuze (*apud* MARTINS, 2010, p.184),

[...] o próprio do novo, isto é, a diferença, é provocar no pensamento forças que não são as da reconhecimento, potências de um modelo totalmente distinto, numa terra incógnita nunca reconhecida, nem reconhecível.

Assim, podemos entender que um dos primeiros passos para percorrer o pensamento reflexivo, é abrir-se para o novo, ou seja dar abertura a mente para receber e processar informações do meio exterior, informações que nos tirem do nosso meio de conforto, nos propondo avistar por outro ângulo, de modo que nossos conhecimentos e experiências não nos sejam tidas como verdades absolutas. Acredito, que assim, a arte contemporânea é uma grande aliada nesta proposição, pois embora hajam muitas especulações e anseios em torno da mesma, ela tem vindo com esse propósito, novo, diferente e provocador. A arte contemporânea auxilia essa ação pois diferente dos movimentos clássicos, aqui o artista não está mais preso a um segmento, como a igreja, ou submisso à política, mas passa a produzir criticamente, de modo que suas obras ou ações vêm questionar conflitos políticos, sociais, religiosos e, tudo que julga ser importante para a discussão, junto ao seu Eu-artístico interior, sem preocupar-se com o visualmente belo, boa parte das vezes apelando para o grotesco e provocador.

Para Koneski (2008 p. 80)

A arte no passado tinha um caráter divino. O divino transmitia uma mensagem pedagógica que fundamentava a verdade e essa verdade estava sempre dada nesse terreno. [...] A arte deixa de ser a expressão do fundamento para se abrir para uma multiplicidade de leituras que faz do diálogo com o espectador o princípio da verdade. Assim, a arte assume outra vitalidade, entrega-se ao ato criador em si mesmo, passa a se fazer perguntas, nortear-se pelo estranhamento, pela transgressão total de seus cânones.

Tudo que é novo nos gera dúvida e a dúvida talvez seja um dos principais motivos que nos leva à reflexão e à pesquisa. Nada que é certo (certo no sentido estabelecido como tal), para nós, nos provoca a pensar reflexivamente e, quando não pensamos reflexivamente apenas rotineiramente, não atribuímos significação às coisas, de modo que não é possível atribuir conhecimento a esta ação. E é a partir destes momentos duvidosos, que geralmente nos propomos a

buscar saídas para nossas hipóteses por meio de indagações, pesquisa, observação e reflexão.

Em relação à faculdade do pensar, Larrosa (2002, p. 21) diz que: “E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”. Em contrapartida sabemos que ainda é muito valorizado o estudo e conhecimento cognitivo em relação ao desenvolvimento expressivo e sensível, penso que isso acontece pelo não conhecimento das potencialidades e objetivos da disciplina de Artes. Refletindo sobre a fala do autor, podemos ver que nenhum tipo de conhecimento se sobrepõe ao outro, mas devemos valorizar todos de forma igualitária, pois juntos formam um conjunto primordial ao desenvolvimento da capacidade sensível e intelectual do aluno. E para promover essas capacidades não basta apresentar informações, mas é necessário propor modos de aprendizagem que façam sentido. A procura obsessiva por informações e conhecimento, muitas vezes também nos impede de termos experiência, é preciso segundo Larrosa (2002), nos acalantar para assim abrir oportunidades para a experiência nos acontecer. Pensando assim, podemos pensar nas diversas formas poéticas de dar aula de Artes, propondo aos alunos momentos de apreciação estética.

Ainda em Larrosa (2002, p. 21) “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. Penso, deste modo, que não é possível injetar conhecimento nos alunos por meio de informação, mas é preciso criar proposições, de modo que se possa atrair o olhar do aluno, criando assim momentos para que a experiência aconteça.

O pensamento reflexivo surge de uma experiência que nos toca e que de certa forma nos inquieta, nos faz pensar a respeito, nos faz observar de diferentes ângulos uma mesma situação, a ponto de nos enxergarmos dentro de uma sociedade como sujeitos pensantes e não como sujeitos que tem apenas opinião. Larrosa (2002, p. 21) nos diz que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Penso que é essa experiência de que Larrosa nos fala, que provoca o pensamento reflexivo no indivíduo, a partir do momento em que o mesmo desperta para essa ação, aguçando seu modo de pensar e seu olhar para os acontecimentos diários.

Vejo assim, que as aulas de Artes na contemporaneidade contribuem buscando provocar o aluno para o novo, se tratando de uma forma de ensinar, onde não é possível transferir conhecimento, fórmulas ou regras, mas sim despertar o aluno por meio de propostas que lhe façam sentido, que o provoquem a ponto de que a experiência aconteça e que os conhecimentos cognitivo e sensível sejam construídos.

3.1 O PENSAMENTO REFLEXIVO E O SUJEITO CRÍTICO

O pensamento reflexivo não se trata de um domínio intelectual, composto por fórmulas ou conhecimentos específicos, mas sim de um estado de consciência e reflexão por parte do ser intermediado, na maioria das vezes pela experiência. Como podemos provocar esse estado é uma das buscas nessa pesquisa, onde indícios tratam das potencialidades do ensino da arte, como agente transformador do meio educacional. Sabemos que para o avanço da sociedade, é necessário que tenhamos uma educação de qualidade, e no que se trata de ter esta educação, também faz parte, buscar despertar o aluno para a sua construção como cidadão crítico. Utilizo a palavra despertar, no sentido de promover momentos de experiência, para que esse aluno possa refletir o conteúdo proposto de forma construtiva e não mecânica. E, acredito que, refletindo sobre essa ação é que o aluno começa a desenvolver seu senso crítico de modo a ser um sujeito mais ativo na sociedade. Segundo estudiosos, as palavras “crítica” e “criação”, tem relação em suas origens e, Barthes (*apud* OLIVEIRA 2010, p. 1) vem nos falar que “A crítica é certamente, uma leitura profunda (ou melhor ainda: *perfilada*), descobre na obra um certo inteligível e por aí, de fato, decifra e participa numa interpretação”. E, é nesse sentido que buscamos aguçar o senso crítico de cada aluno, assim também provocando seu desenvolvimento criativo. E nem sempre podemos e devemos nos prender às formas normatizadas de educar, as quais ano após ano, não se diferem, sendo que deveriam e precisam mudar para atender cada grupo de alunos que tem suas singularidades. Utilizo a expressão normatizada, para me referir aos modos de ensinar tradicionais e comuns, onde a arquitetura da escola já propicia que tudo isso aconteça. Onde os alunos devem permanecer nas salas, em filas indianas, seguindo um plano anual, com as disciplinas e materiais pré-estabelecidas do “como” e o que devem aprender, como se há cada conteúdo que acaba, definitivamente deve-se

finalizar para outro iniciar, ou se como nesse meio tempo, os alunos não representassem outras necessidades, diferentes curiosidades e interesses, conseqüentemente se transformando em uma forma fragmentada e descolada da realidade de ensinar. Não sou contra estes métodos, sei que precisamos e é muito importante desenvolver um planejamento, mas penso que não podemos segui-lo rotineiramente, é preciso abrir possibilidades de novos encontros que propiciem a experiência para novos modos de ensinar e avaliar.

A respeito das formas de educar normatizadas, conseqüentemente engessadas, HONORATO (2015, p. 111) nos diz que

Olhando para esse panorama penso que a contribuição efetiva da arte na escola e na vida está justamente nos deslocamentos que ela promove causando o afastamento deste sujeito constituído, abrindo espaço para a experiência. Para encontros com o pensamento, com a criação.

Devemos nos aproveitar destes deslocamentos, para buscar o sujeito constituído e proporcionar-lhe viver experiências de desconstrução, para então avistar coisas que até então lhe eram impedidas ou não possíveis de ver, discutir e experimentar.

Penso que através do pensamento reflexivo, é que o sujeito pode expressar sua crítica consciente e não de opinião formada (falo da opinião formada, aquela que o indivíduo já traz consigo, sem necessariamente avaliar a situação discutida, deixando de olhar por outro ângulo uma mesma situação) e, essa é uma ação importante para o desenvolvimento da educação nacional, pois constrói cidadãos reflexivos ativos, que buscam vez e voz na vida social, sem deixarem-se manipular.

Segundo CORAZZA (2012 p. 7):

Os educadores-artistas são tomados em segmentos de devir-simulacro, cujas fibras levam deste devir a outros, transformam estes devires naquele, atravessam limiares de poderes, saberes, subjetividades. Desse modo, quando os professores-artistas compõem, pintam, estudam, escrevem, pesquisam, ensinam, eles têm apenas um único objetivo: desencadear devires.

É necessário que nos libertemos dos moldes, abrindo-nos possibilidades de “devires” para que também o possamos despertar em nossos alunos. São esses devires que nos permitem criar, se entregar e se expressar das mais diversas formas

sem temer os padrões estabelecidos. Falo dos devires, enquanto ações de ir e vir, de pensar, de criar, de fantasiar, de poder ser mais de uma coisa ao mesmo tempo, PACHECO (2009, p. 127) nos fala do devir da produção de arte como;

O que se escreve na obra de arte já não são memórias da infância, mas blocos que se passam tal qual uma criança, é o devir criança, um sobressalto de sensações que já não permite distinção entre o autor presente e a sensação que o invade.

Assim, podemos encontrar em cada devir, nossa subjetividade de criar, de fantasiar, de escrever, desde que nos deixemos abrir para as possibilidades do mundo.

Trago a crítica como ação de criação também, onde como citei anteriormente, é preciso, que realizemos todo um processo construtivo, envolvendo o momento da experiência, a pós-experiência que chamo de pensamento reflexivo, para então desenvolvermos uma crítica, que subjetivamente tenha conteúdo para criação também (sem que haja necessidade que ocorra nessa ordem o “processo”).

4 O SER SENSÍVEL

O dicionário e o senso comum nos dizem que ser sensível é a qualidade de ser dotado de sensibilidade, que percebe as coisas sensíveis, quem tem sentidos (característica do homem), mas venho aqui falar de um *ser sensível* que tem relação com esses adjetivos. Mas que está diretamente ligado ao desenvolvimento do olhar sensível por meio da arte. E um dos meus grandes questionamentos é por que nem todos nós temos desenvolvido esse olhar sensível para com a vida, com o mundo e, para com os acontecimentos do meio comum? E como as aulas de Artes e a própria arte pode fomentar esse desenvolvimento no Ser Humano? Estes são questionamentos que vou costurar nessa conversa, buscando relatos de autores sobre o assunto, relacionando a teoria com minhas experiências.

Às vezes me pego olhando para coisas do cotidiano que não chamam a atenção de mais ninguém que está no mesmo espaço e no mesmo tempo em que eu. Muitas vezes vejo beleza nas coisas mais simples, e percebo que passam despercebidas para quem está ao meu lado. Mas não se trata apenas do ver, se trata também do ouvir, do saber escutar e do sentir. Me pego em situações assim, em várias ocasiões inesperadas, no ônibus, no caminho do trabalho, percorrendo locais rotineiros, olhando para o céu e observando admiravelmente a natureza e os animais. Mas o que isso tudo tem a ver com arte? Penso que esse olhar sensível é essencial para o ser em formação e, que recebe grande incentivo nas aulas de Artes, não sendo direcionado, mas sendo impulsionada a sua fomentação. HONORATO (2015, p. 62) nos diz que

Se nos permitimos sentir, existem muitas maneiras de se ter experiência. O encontro com a arte, com a obra de arte é uma delas, pois a arte, em suas diversas manifestações tem a capacidade de deslocar o sujeito da sua percepção e atitude habituais, retirando-o dos limites do mundo conhecido – a isso se chama experiência estética.

E, é por meio das aulas de Artes, que podemos propor metodologias que busquem a experiência estética. Para Barilli (1992 *apud* MEIRA, 2007, p. 32) “uma experiência estética envolve as vivências e as transformações sensíveis e cognitivas que um sujeito elabora a partir dessas vivências”. Acredito que as aulas de Artes podem instigar alunos a serem reflexivos a partir de suas vivências seguidas de discussão crítica a respeito de seus temas.

Promover o desenvolvimento do olhar sensível nos alunos é um objetivo imensurável da disciplina de Artes, o qual pode provocar um amadurecimento intelectual desse aluno. Segundo Pillar (2003, p.73) há diferenças entre olhar e ver “É só quando se passa do limiar do olhar para o universo do ver que se realiza um ato de leitura e de reflexão”. Desta forma procuro nessa pesquisa, evidenciar as competências do ensino das artes e como as aulas de Artes podem promover o desenvolvimento do olhar sensível. Segundo Larrosa (2002, p. 24) para que algo toque nosso olhar necessita-se que;

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, [...] suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, [...]

É a partir de práticas e de experiências artísticas fundamentadas em sua contextualização que se amplia o repertório artístico do aluno por meio do reconhecimento dos meios artísticos como modos de aguçar sua percepção para que, o que antes lhe passava despercebido, passe agora a ter e ser uma poética dentro do seu Eu-artístico.

Para HONORATO (2015, p. 104) dentro do espaço escolar e do ensino de arte “Pensar o sensível é ter possibilidade de repensar criticamente as práticas pedagógicas, contribuir na criação de outras formas de ação que venham redimensionar as relações entre educação, arte, estética, política e cultura”. Tendo consciência de toda a competência da arte, é que busco nessa pesquisa aprofundá-la em meus estudos, e algo mais que me inquieta é se as pessoas conhecem ou imaginam o poder transformador que a arte tem sobre o ser humano. Na maioria das vezes preocupa-se em conhecer as competências das áreas das exatas, as quais muitas vezes julgam-se erroneamente, como nos fala Honorato (2015. p. 104)

Percebo a escola, na maioria das vezes, como um espaço educativo estruturado sobre a normatização, repleto de dualismos e dicotomias, no qual prepondera a importância dada aos conhecimentos científicos de forma distanciada da vida da comunidade, favorecendo a fragmentação do saber, o que dificulta a construção da rede rizomática de conhecimentos espontâneos em seu interior. O que dificulta a percepção do sensível em cada um que lá permanece cotidianamente se construindo como ser social e humano.

É preciso que façamos ligações entre o assunto a ser estudado e o meio social do aluno, para que não entremos em um círculo vicioso onde são propostas atividades e estudos descolados da realidade e sem significação para aquele aluno ali presente. Sem o aprendizado significativo, o aluno não se interessa em buscar além do que está sendo estabelecido em aula, porque não lhe atrai, e isso é muito triste para a educação, pois é perdida a essência do ensino/aprendizagem. Segundo HONORATO (2015, p. 109) “[...] a arte está na escola para promover encontros que propiciem o cultivar-se” e, é esse cultivar-se que não se pode encontrar em aulas regradadas e endurecidas, mas com proposições poéticas que promovam a experiência. Não aprendemos apenas repetitivamente, como já se pensou, muito menos mecanicamente, já que acima de tudo somos humanos, temos sentimentos e os expressamos, assim aprendemos em diversos momentos e de diferentes maneiras que estão implicadas no conjunto ensino/aprendizagem, que parte da subjetividade, da necessidade individual e do meio social.

4.1 O OLHAR SENSÍVEL E O EU-ARTÍSTICO

O Eu-artístico emerge de um conjunto de experiências, que englobam a experimentação, a fruição¹, a experiência estética, o pensamento reflexivo, a crítica e o olhar sensível, desenvolvendo possibilidades de criação a partir desta carga construtiva. Penso que o sujeito só pode desenvolver seu Eu-artístico a partir destas experimentações, criando uma gama de possibilidades artísticas, podendo dialogar com suas diversas linguagens, seja ela a performance, intervenção, teatro, dança, música, cinema ou a própria arte visual, até encontrar o seu modo de produzir e apreciar arte, sua própria identidade artística, podendo desconstruí-la quantas vezes forem necessárias. Até arrisco dizer que o Eu-artístico seja a aura do artista ou da pessoa que produz/aprecia arte. Não que o Eu-artístico seja um estado, ou uma forma a ser conquistada e, que a escola venha com a finalidade de construir o artista ou este perfil, mas sim de contribuir para a formação do sujeito enquanto ser reflexivo, crítico e sensível. A respeito desta contribuição Honorato (2015, p. 47) nos diz que;

¹ A fruição estética, se trata do ato de fruir ao contemplar uma obra de arte, ou seja, através das sensações possibilitadas, sejam elas pela beleza, feiura, provocação, despertando sentimentos como raiva, alegria, angústia, etc.

Penso que ensinamos arte nas escolas não necessariamente para formar artistas, mas para aproximar a sociedade da arte, da arte contemporânea em especial, formar um público sensível e apreciador da arte de nossos dias percebendo suas trilhas políticas e estéticas.

Nas aulas de Artes almejamos propiciar estes momentos aos alunos, instantes de prática e experiência, de amadurecimento intelectual por meio das indagações e reflexões da arte, sem necessariamente focar na construção desse *Eu*, mas sim na própria experiência, transformadora do olhar comum em olhar sensível, conseqüentemente desenvolvendo a identidade artística do ser, seja ela enquanto artista, apreciador, crítico, mas principalmente humano, capaz de sentir, de expressar sentimentos e provocar emoções. Penso, que podemos fomentar este desenvolvimento, por meio de atividades abertas para a criação. Utilizo a palavra aberta no sentido de dar a total liberdade de criação, invenção, inovação para o aluno, abandonando a necessidade de impor regras em todos os momentos, claro que isso não implica em deixar a aula solta, pois precisamos de limites enquanto ser humano, para sermos respeitados e respeitar o espaço do outro, mas falo da liberdade de atuação, onde o aluno não depende mais do mestre, e o mesmo se vê assim, com potencial criador, independente, inovando, se descobrindo no mundo enquanto ser atuante.

4.2 UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA A PARTIR DA APRECIÇÃO DO FILME: O FABULOSO DESTINO DE AMÉLIE POULAIN

A experiência estética pode partir de uma série de experimentações, e o cinema é uma delas. Trago aqui minha experiência ao assistir o filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain*, um filme francês lançado em 2002, que nos conta a história da menina Amélie, filha de um médico e uma diretora de escola. A menina tem pouco contato com o mundo e, cresce isolada, pois o pai ao examiná-la mensalmente pensa que a menina tem um sério problema no coração, quando na verdade ela fica agitada com essa aproximação física, já que o pai está sempre frio e distante. Pouco tempo depois, a mãe de Amélie falece acidentalmente e a menina cresce na companhia do pai. Ao alcançar a maioridade, deixa o subúrbio e muda-se para o bairro parisiense de Montmartre, ali começa a trabalhar como garçomete em um café. Certo dia, acidentalmente encontra em seu banheiro uma caixinha

escondida, guardando brinquedos e figurinhas, a qual supõe ser do antigo morador. Pensa na emoção do dono ao reencontrar estes objetos guardados com tanto zelo e, decide procurá-lo para devolver-lhe. Se o mesmo ficasse feliz, estava decidido, passaria a resolver e ajudar os outros em pequenos detalhes que se abrem para a felicidade. E, assim aconteceu. Ganhando aí um novo sentido para sua vida e, então seu destino se transforma para sempre.

Para mim, o tema do filme fala das nossas vidas, onde cada um cultiva dentro de si um medo, uma fantasia, um desejo, sentimentos que geralmente são muito duros de assumir em nossa vida social. Certamente este filme nos traz outras maneiras de olhar o mundo, de observar o que se passa despercebido em nosso cotidiano que é corrido e *ocupado* demais para as pequenas coisas, ou para as *melhores* coisas, embora não significativas ao primeiro olhar. Nos faz parar e pensar, de que forma estamos vivendo nossa vida que é única. Será que estou percorrendo o caminho correto? Ou será que estou aproveitando os meus dias? O que é aproveitar? O que realmente têm valor? Será que vale trabalhar desenfreadamente por dinheiro? Somos envolvidos por muitas incógnitas que parecem que só podem ser esclarecidas pelo tempo. O que mais me agrada neste filme é a simplicidade da protagonista, já adulta e envolvida pelo apego às coisas mais simples como atirar pedras ao rio, quebrar a primeira camada da sobremesa com a colher. São coisas que passam despercebidas diariamente. Não falo necessariamente dessas ações em questão, mas de tantas outras que permeiam nossos dias e não são percebidas em nossas vidas de adultos, mas que tiveram muito significado quando fomos crianças.

Algo que muito gostei no filme foi reviver a minha infância. Em muitos momentos me identifiquei com a menina Amélie em suas inquietações e conclusões sobre o mundo. Me peguei a pensar em como via as coisas na minha infância e acredito que foi a fase da minha vida que mais apreciei, que mais observei cada detalhe, ou cada mero detalhe que para todos passava despercebido, mas que para mim era objeto de estudo e admiração. Assim penso que a apreciação pode acontecer de muitas formas e as aulas de Artes são bastante propícias por meio de suas linguagens, dando abertura e iniciativa para estes acontecimentos. Precisamos vivenciar mais a arte, e desta forma propiciar isso aos alunos, por meio de performances, teatro, dança, cinema, pintura, desenho e suas reflexões entorno destas ações, sem necessariamente ficarmos presos a filas indianas e salas

fechadas, podendo assim promover o desenvolvimento de sujeitos pensantes e ativos em meio a sociedade.

5 REFLEXÕES SOBRE AS POTENCIALIDADES DO ENSINO DA ARTE – UM PROJETO DE CURSO

O curso de graduação em Artes Visuais – Licenciatura é pautado nas Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN, que validam e normatizam seu processo de formação esclarecendo seus critérios de ensino/aprendizagem, objetivos, avaliação, sistemas de estágios, habilidades e competências, componentes curriculares, atividades complementares, entre outros. Segundo o DCN² (2009, p. 1) em seu Art. 3º, o curso de Artes Visuais deve buscar

[...] ensinar, como perfil do formando, capacitação para a produção, a pesquisa, a crítica e o ensino das Artes Visuais, visando ao desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, dentro da especificidade do pensamento visual, de modo a privilegiar a apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística, da utilização de técnicas e procedimentos tradicionais e experimentais e da sensibilidade estética através do conhecimento de estilos, tendências, obras e outras criações visuais, revelando habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área das Artes Visuais.

Deste modo, realmente acontece na íntegra, onde ao longo do percurso do nosso curso de Artes Visuais – Licenciatura, desde o início, somos impulsionados, a pesquisar, estudar, desenvolver novos meios de ensino/aprendizagem. O Trabalho de Conclusão de Curso, é componente curricular obrigatório, que deverá seguir determinados critérios, onde segundo o DCN (2009, p. 2) em seu Art. 8º, §2º para a obtenção de grau em licenciatura é necessário:

- a) uma monografia sobre um tema das Artes Visuais;
- b) um projeto de curso a ser ministrado sobre esse tema;
- c) apresentação a uma banca examinadora composta por professores e profissionais da área, nos termos de regulamento próprio.

Assim, somos desafiados a desenvolver uma proposta de curso que dialogue com nosso problema de pesquisa e busque discutir o assunto a ser abordado nesta proposta, a forma metodológica, a carga horária, o público alvo, a justificativa, os objetivos e as referências coerentes, para assim agregar experiência e conhecimento sobre o assunto. Desta forma busco em minha proposta de curso,

² BRASIL. Constituição (2009). **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Brasília, 16 jan. 2009.

propiciar reflexões em torno do ensino de arte, relacionando-as com o meio social de cada participante, tornando o curso uma experiência significativa.

Proponho como **ementa** do curso o estudo e reconhecimento das potencialidades do ensino da arte em contribuição do desenvolvimento do ser sensível, crítico e reflexivo. Quanto a **carga horária** imagino a necessidade de dois encontros, sendo o primeiro com 3 horas, e o segundo com 5 horas, totalizando um curso com 8h/aula. Em um primeiro momento, penso em desenvolver a proposta de curso, em uma escola, destinando-se como **público alvo** pais e professores desta comunidade escolar.

Justifico a escolha do tema como parte de um desejo em propiciar novas reflexões e olhares, por parte dos pais e comunidade escolar, para com o ensino de arte buscando promover um contato maior com a disciplina e desmistificar algumas ideias atribuídas ao ensino de Artes, evidenciando seu real propósito de instigar a criação, a crítica e o desenvolvimento reflexivo e sensível do aluno enquanto ser atuante na sociedade levando em consideração o meio social atual. Tendo como **objetivo geral**; possibilitar reflexões e experiências em torno das potencialidades do ensino da arte e, como **objetivos específicos**; promover uma experiência estética por meio de apreciação no cinema; refletir e discutir a experiência relacionando-a com a educação; reconhecer as contribuições do ensino da arte na formação do ser sensível, crítico e reflexivo.

Como **metodologia**, penso em organizar os encontros da seguinte forma: Nas primeiras 3 horas realizarei uma palestra com pais e professores, discutindo o que cada um conhece e entende por ensino de arte, por meio de diálogo. Logo após essa contextualização, apresentarei por meio de slides, o percurso da disciplina de Artes na Educação Regular (através dos relatos do PCSC), com suas lutas e conquistas, e suas contribuições para a formação do sujeito, englobando o desenvolvimento do olhar sensível, do pensamento reflexivo e do sujeito crítico. Nas outras 5 horas organizarei na escola mesmo, no auditório ou espaço possível, uma sala de cinema que possa aconchegar os participantes, sendo proposta a apreciação de um filme (acho interessante não pré-estabelecer um filme, pois penso que o mesmo deve ser escolhido à partir do público com que vou trabalhar, mas podendo sugerir alguns, cito; *O fabuloso destino de Amélie Poulain (2002)* e *Frida (2002)*, além de outras possibilidades). Após assistirmos o filme, em uma sala próxima, já previamente organizada com som ambiente, com materiais artísticos e

alternativos, vou provocar a cada um que se expresse por meio de desenho, pintura ou colagem, suas sensações em relação ao filme assistido. Será permitido criar, sem padrões pré-estabelecidos. Após a produção, cada participante será convidado a socializar o seu trabalho, expondo em um mural.

Em seguida proporei discutirmos sobre a experiência particular de cada um, o que lhe passou, o que lhe tocou, o que mudou seu olhar de certa forma. Após a socialização das experiências, desafio cada participante a relatar por meio de escrita, o que era o ensino da arte para si antes desta experiência e o que mudou no após, com que olhos à veem hoje. Também conversaremos a respeito de como as potencialidades do ensino da arte podem contribuir para o processo de ensino/aprendizagem como um todo e para o desenvolvimento do ser sensível, crítico e reflexivo, além da possibilidade de utilização das diversas linguagens artísticas para esse desenvolvimento.

6 CONCLUSÃO

Durante minha pesquisa pude confirmar meus pensamentos iniciais embasados em autores consolidados, onde posso perceber a força da potencialidade da arte sobre a formação do ser, e sua acuidade no âmbito educacional. Percorrendo o percurso da disciplina de Artes no cenário brasileiro, podemos compreender o evidente progresso e as conquistas por meio de luta da classe dos professores arte-educadores, conquistando espaço na educação formal, passando de atividade complementar a disciplina obrigatória da grade escolar. Percebi a relevância da arte contemporânea, principalmente em trabalhar a mesma em sala de aula, pois é uma vertente impulsionadora de ideias e crescimento intelectual, podendo instigar o aluno a pensar, criar, agir e olhar de maneiras diferentes do conhecido anteriormente, por meio do novo e inesperado.

Trouxe para minha pesquisa também, o valor do pensamento reflexivo, que pode ser despertado por meio de experiências e ações das aulas de Artes. A expressão do termo *pensamento reflexivo*, foi utilizado pela primeira vez pelo filósofo norte-americano John Dewey, por volta de 1910, que para o mesmo era a melhor forma de pensar, se contrapondo ao pensamento de rotina, sendo indispensável ao desenvolvimento do processo educativo. Trato do pensamento reflexivo despertado pelas experiências artísticas, em suas diversas linguagens, que pode e deve ser intercedido pelas aulas de Artes, onde o professor não necessariamente precisa ser um dominador de todas as linguagens, nem mesmo um artista, mas precisa ser o mediador no processo ensino/aprendizagem, experiência estética versus aluno.

Relaciono o pensamento reflexivo e o sujeito crítico, pois penso que por meio da possibilidade do desenvolvimento do pensamento reflexivo é que podemos aguçar o senso crítico do aluno, o qual se abre para novas possibilidades, novos devires, e passa a ter capacidade de criação e crítica, não expressando uma pré opinião já formada, mas sim sua expressão a partir da reflexão, consequência de uma experiência significativa.

Trato do olhar sensível enquanto uma potencialidade que pode abrir um leque para diversas experimentações e ações artísticas, como a produção, a apreciação e a fruição, pois o ser com olhar sensível passa a ver, imaginar, criar e sentir se libertando dos moldes pré-estabelecidos. Em conjunto a esse desenvolvimento encontramos também o Eu-artístico. Penso que o mesmo emerge

do conjunto de experiências que é uma ação de descoberta e do despertar das possibilidades de expressão artística. Um *Eu* que pode se reconhecer como potencial criativo e atuante dentro do campo artístico e também da sociedade.

Refletindo sobre essa pesquisa, vejo que não é uma pesquisa finalizada, mas apenas um ponta pé de início em um campo que me interessa pessoalmente e, que acredito ser de grande valia para a educação. Pois como já dizia Da Vinci “A arte diz o indizível, exprime o inexprimível, traduz o intraduzível³”. Assim penso que a arte tem seu espaço de contribuição na educação, provocando e desafiando a sociedade a ser mais reflexiva, mais crítica e atuante por meio de suas inúmeras possibilidades de construção do conhecimento.

³ http://pensador.uol.com.br/frases_de_leonardo_da_vinci/

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2. ed São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Parte II. Ministério da Educação. Secretária de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que Deleuze quer da educação?** São Paulo: Educação, 2012.

GIOVANELLA, Alessandra. Invenções cartográficas – uma poética da criação...imagens cotidianas. In: CORREA, Ayrton Dutra. **Cartografias contemporâneas da arte-educação**. Santa Maria: UFSM, 2008. p. 83 -118.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de Artes: espaços do possível**. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

KONESKI, Anita Prado. O “murmúrio” na arte contemporânea. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho (Orgs.). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 19, n. 1, p.20-28, jan. 2002. Semestral.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Provocações pra início de outra conversa. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; TELLES, M. Terezinha. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010. p. 182-205. (Coleção Teoria e Prática).

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

O FABULOSO destino de Amélie Poulain. Direção de Jean Pierre Jeunet. Roteiro: Jean-pierre Jeunet e Guillaume Laurant. Música: Yann Tiersen. França: Lumière, 2002. (120 min.), son. Color.

OLIVEIRA, Nilson. **O rumor da crítica**. 2010. Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Criacaoliteraria-Orumordacritica.htm>. Acesso 19 de outubro de 2015.

PACHECO, Fernando Tôrres. **O estatuto da arte em Deleuze e Guattari**. Ítaca (Rio de Janeiro), v.11, p.125-133. 2009.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e Releitura. In PILLAR, Analice Dutra. **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. 3ª. Ed. Porto Alegre: Mediação 2003.

PINHEIRO, José Maurício dos Santos. **Da iniciação científica do TCC: Uma Abordagem para os Cursos de Tecnologia**. Rio de Janeiro, RJ. Ciência Moderna, 2010.

RODRIGUES, Disnah Barroso. O pensar reflexivo: uma análise à luz de John Dewey. In: WESTBROOK, Robert B. Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

SANTA CATARINA, Secretaria do Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos**. Florianópolis: IOESC, 2005.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na Educação Escolar**. Curitiba: IBPEX, 2008.